

CENTRO UNIVERSITÁRIO BELAS ARTES DE SÃO PAULO ARQUITETURA E URBANISMO

EXPOGRAFIA: HISTÓRIA E EVOLUÇÃO NA AV. PAULISTA

Orientandas: Letícia Char Salgado e Mariana Palma de Campos

Orientador: Ademir Pereira dos Santos

RESUMO

Busca-se, neste artigo, analisar os museus e espaços culturais públicos e privados da Avenida Paulista, comparando suas características expográficas e sua comunicação com o público. Para a realização deste artigo foi feito inicialmente um estudo dos conceitos que envolvem a expografia, e, num segundo momento, desenvolveu-se por meio de fichas, a identificação, a localização, a caracterização e a análise dos espaços expositivos, a partir dos conceitos estudados. O resultado final identifica a transformação da narrativa visual nos ambientes dos polos estudados, e como isso afeta a população que usufrui dessa cultura.

PALAVRAS-CHAVE: Expografia, Avenida Paulista, Museus, Centros Culturais.

ABSTRACT:

The aim of this article is to analyze the public and private museums and cultural spaces of Avenida Paulista, comparing their expographic characteristics and their communication with the public. For the realization of this article, a study of the concepts involving expography was made initially and, in a second moment, it was developed through forms, the identification, the location, the characterization and the analysis of the exhibition spaces, from the concepts studied. The final result identifies the transformation of the visual narrative in the environments of the studied centers, and how it affects the population that enjoys this culture.

KEYWORDS: Expography, Avenida Paulista, Museums, Cultural Spaces.

INTRODUÇÃO

Os museus surgiram entre os séculos XVI e XVII, como um lugar para guardar objetos e peças raras trazidos de grandes explorações, e tornaram-se visíveis ao público através de galerias dos antigos palácios que possuíam acesso aos hóspedes e moradores.

Segundo Renato Baldin (2015), o Renascimento, entre os séculos XVI e XVII, foi um período marcado pelo colecionismo, pela visão totalitarista, pelo exotismo e excentricidade e possuía um discurso generalista. Os museus foram marcados pelo acesso privado e seletivo, voltado à elite, sendo sinônimo de status. Também foi um período de descobertas de novas culturas, o objeto tinha um significado e valor por si mesmo e a disposição dos objetos nos museus era feita a partir de um critério personalista. Já o Iluminismo, séculos XVII e XVIII, período marcado pela gestação do Positivismo e do Racionalismo, a visitação foi ampliada, porém ainda era um pouco restrita, possuindo uma visão generalista, totalitária, porém diagramada. Havia uma organização lógica na disposição dos objetos e uma classificação dos objetos e coleções, sendo assim, foi um período marcado por exposições discursivas, argumentativas e explicativas. Já durante a Era Industrial, particularmente no século XIX, surgiram os museus temáticos e as grandes exposições, além da ocupação de lugares públicos.

De acordo com Baldin o museu,

É uma instituição permanente, sem fins lucrativos, ao serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberto ao público, e que adquire, conserva, estuda, comunica e expõe testemunhos materiais do homem e do seu meio ambiente, tendo em vista o estudo, a educação e a fruição. (BALDIN, 2015, p.9)

Ainda de acordo com Baldin (2015), o museu se tornou um local de autoconsciência, auto-crítica e reflexão, com atitudes próprias frente à sociedade. Ele é um agente sócio-cultural, que possui uma diversificação de categorias, especificidades de acervos e coleções; reflexão, aprimoramento e especialização das atividades, serviços e função social, além de possuir uma relação com o entorno, ou seja, há um papel desempenhado pela Arquitetura, possuindo assim uma relação com o entorno, identificando-se um confronto plástico (qualidades estilísticas), um confronto funcional (uso do edifício) e um confronto pontual (interferência direta na exposição).

A Expografia, a qual será estudada adiante, também conhecida como arquitetura expositiva, é o conjunto de técnicas que possibilita o desenvolvimento de uma exposição. É um espaço físico e simbólico, constituído por: conteúdo, ideia e forma e juntos geram a percepção. Ela é um complemento da Museografia,

sendo essa, a dimensão prática da Museologia, conforme aponta Joeni Bauer (2017).

Propõe-se, portanto, nessa pesquisa, fazer uma análise histórica e comparativa das linguagens expográficas dos museus e centros culturais privados e públicos da Avenida Paulista e sua comunicação com o público, além de identificar a evolução e transformação da narrativa visual nos ambientes dos polos estudados, e a relação estabelecida com a parcela da população que usufrui dessa cultura.

1. CONCEITOS

1.1 MUSEOGRAFIA E MUSEOLOGIA

De acordo com Rivière (1989) a

Museologia: uma ciência aplicada, a ciência do museu. Ela o estuda em sua história e no seu papel na sociedade, nas suas formas específicas de pesquisa e de conservação física, de apresentação, de animação e de difusão, de organização e de funcionamento, de arquitetura nova ou musealizada, nos sítios herdados ou escolhidos, na tipologia, na deontologia. (RIVIÈRE, 1989).

Nesse sentido, a museologia é, em certa medida, distinta da museografia, visto que a museologia tem sido vista como um campo científico que estuda disciplinas independentes, ou seja, é o estudo da relação específica entre as pessoas e a realidade, e os museus são uma das possíveis realizações dessa ciência. Já museografia, é um termo mais usado para designar técnicas e práticas relacionadas à museologia.

Como diz Joeni Bauer (2017), a Nova Museologia, a qual originou-se na década de 1980 na França e a partir de 1984, se espalhou internacionalmente a partir da Declaração de Quebec, tinha como foco os novos tipos de museus, os quais se opunham aos modelos clássicos. Ela é uma declaração importante sobre o papel social dos museus e tem como característica, registrar a realidade através da compreensão direta e sensível. Portanto, a museologia será uma importante disciplina científica teórica, não apenas liderada por cientistas de museus, mas também por diferentes campos de conhecimento de natureza interdisciplinar.

1.2 CURADORIA

Para muitos, o termo curadoria pode ser substituído pela palavra organização.

O curador observa a arte e faz uma relação com o mundo, tentando identificar as vertentes e os comportamentos do presente para assim enriquecer a experiência da exposição. Ele tenta passar ao público o sentimento de descoberta. Para uma boa exposição, é necessário inteligência e inventividade. (LEONZINI)

O curador exerce um papel profissional relacionado à arte e o local onde as obras de arte são expostas, fazendo sua montagem e supervisão; porém nem sempre a curadoria teve visibilidade e essa conotação. Na década de 1920 com a emergência das vanguardas foram consideradas como uma série de exposições coletivas, e avançando para o século XX, as exposições se tornam inseparáveis das coleções de artistas expressivos da Modernidade. Nesse período a profissão já estava em maior evidência, e seus pioneiros geralmente eram fundadores de museus de arte moderna. A partir deste momento as exposições em geral foram organizadas por profissionais da curadoria e não mais pelos artistas.

Com a atuação dos primeiros curadores independentes no século XX, a curadoria passou a ser conhecida e discutida como formas diferentes de realização de uma mostra, nas quais os museus não necessariamente estariam envolvidos. Por conta disso, o curador passou a ter maior liberdade nas etapas que envolviam a concepção de uma exposição, como a escolha de artistas, construção de um conceito e definição do espaço.

As exposições se tornaram o meio pelo qual a maior parte da arte se tornou conhecida e por conta disso, foram cada vez mais valorizadas, as exposições e por consequência, a Curadoria. Com todo esse avanço, o curador modificou a percepção das exposições e mostrou a necessidade de documentá-las de modo mais completo, pois a ausência da documentação pode fazer com que as intenções originais do artista fossem mal interpretadas.

Pode-se afirmar que atualmente a curadoria encontra-se disseminada por diversas áreas da atuação cultural, podendo ser formada por um único indivíduo ou por uma série de pessoas. Ela exerce um papel fundamental na apreensão e fruição das obras por organizar, cuidar e montar as exposições, além de manter a conexão entre o artista e o mercado consumidor. Porém vemos que esse papel não se restringe somente aos bens materiais da arte, o curador também pode

ser o responsável por disseminar novas tendências e comportamentos em outras áreas e manifestações culturais.

1.3 A EXPOGRAFIA

De acordo com o professor Renato Baldin (2015), o que define uma exposição é o processo de comunicação por meio da disposição de objetos em um espaço. A mensagem se dá através de objetos e do espaço, sendo tudo isso o conteúdo, ou seja, a curadoria. A intenção se dá através do modo de comunicar, de expor, além da organização dos objetos no espaço, sendo este o objeto da Expografia.

A Expografia nem sempre teve a visibilidade e repercussão que tem hoje em dia. Acreditava-se que os espaços expositivos não interferiam na percepção das pessoas, eram ambientes passivos. A mídia começou a explorá-la, focando muitas vezes a sua importância, a cultura ali expressa ao se apresentar para a população, de forma adequada conteúdos complexos, tornando as exposições forma de informação, cultura e lazer. Devido a essa valorização da Expografia e busca espontânea da população pela mesma, ela se alastrou pelas cidades, principalmente em polos de fácil acesso; a partir de então, não só os museus a recebiam, mas por toda a cidade vemos a expografia em ação, até mesmo nas ruas.

Esse termo, Expografia, foi criado por André Desvallées, (1993), no seu *Manuel de Muséographie*, segmentando ainda mais a especialização do profissional responsável pelo espaço do museu.

Danièle Giraudy (1990) considera três tipologias de Expografia, considerando para isto, o arranjo dos elementos no espaço: galerias de aparato, galerias de antiguidades e gabinetes. As galerias de aparato eram encomendadas por grandes autoridades nos séculos passados e destinavam-se ao deslumbramento dos visitantes, demarcada pela justaposição das obras e pela entrada de luz através de janelas, que iluminavam as pinturas penduradas na parede oposta. Já a primeira galeria de antiguidade foi criada por um papa romano, no Museu do Capitólio e serviu de exemplo para os museus de belas-artes e para os museus europeus e americanos de arquitetura neoclássica ou eclética neoclássica, a qual se tornou o padrão do museu tradicional até a origem do museu moderno. Os gabinetes reúnem animais empalhados, objetos ou obras

raras; eles constituem a origem dos museus de história natural, dos museus científicos, arqueológicos e etnológicos. Com isso, é desenvolvido um novo tipo de exposição, mediante a espacialização do acervo em exposições, definido em três tipologias: permanente, em que o acervo é apresentado durante toda a vida da instituição, longa duração, visto que o museu recebe obras pertencentes a coleções de outros museus ou recebe uma obra com fragilidades físicas por conta da ação do tempo e temporárias, exposições de curta duração. Há também a exposição *in situ*, que significa “no lugar”, tem essa denominação por ser realizada no local onde se manifesta a temática.

Dito isso, é possível observar que a expografia evolui. Ainda de acordo com Giraudy (1990), tudo começou quando não havia espaçamento entre as pinturas em exposição, pois nelas havia a moldura, não importando se ao fundo houvesse qualquer interferência. Segundo uma pesquisa feita por Katharina Hegewisch e Bernard Klüser (2006), a exposição da Secessão de Viena de 1902 marcou o início da racionalização da arquitetura expositiva, pois empregou o fundo branco e o distanciamento das obras, além da iluminação zenital. Como diz César Augusto Sartorelli (2014), o ápice da racionalização da arquitetura moderna deu-se com o MoMA (Museu de Arte Moderna), este sendo o primeiro museu de arte moderna e referência para o Cubo Branco, conceito que se afirmaria posteriormente com a expansão da Arte Moderna, como futuro espaço racional, visto que era um espaço neutro, possuía uma luz branca difusa e escasso mobiliário.

2. A AVENIDA PAULISTA

2.1 A AVENIDA PAULISTA COMO POLO CULTURAL

A Avenida Paulista abriga muitos museus e espaços culturais, além de ter um intenso fluxo de pessoas, o que a torna um alvo da arquitetura expositiva; cada exposição ali exibida apresenta um novo contexto dentro dos museus e na própria avenida, devido a concentração de diversas pessoas que eles atraem. Esse novo contexto gerado é de extrema importância para uma cidade, pois está incentivando e valorizando a cultura expográfica, o que acaba promovendo a emergência de novas expressões nessa área, como vemos no modernismo, ou mesmo na contemporaneidade. Essa dinâmica tem como característica a

sucessão de expressões e eventos, o começo e fim de uma mostra, uma transformação que acontece em todas as instituições, alterando cenários, e, podendo ter inúmeras repercussões entre os usuários e profissionais envolvidos.

Os polos culturais apresentam características muito distintas, em relação ao público, a arquitetura e acervo, fazendo com que as propostas expográficas sejam diferentes em cada um dos polos. Quando observados pela ótica da expografia, notamos que cada exposição se comunica conosco de forma única, dependendo de como e para quem ela foi projetada e para representar o quê. E estas diferenças e percepções ocorrem dentro de um mesmo museu ou espaço cultural também.

Um exemplo dessa situação acontece no Instituto Moreira Salles, voltado para fotografia e cinema, e no MASP, onde temos o acervo, um dos mais importantes do mundo, e lá encontramos pinturas, esculturas e fotografias. Os dois espaços estão situados na mesma avenida, porém quando comparados, são claramente distintos em sua essência.

A Avenida Paulista está em constante transformação, não somente por sua arquitetura, mas também pelo conteúdo, atividades destes espaços culturais. Os museus vão surgindo e conseqüentemente seus impactos na sociedade vão aumentando.

2.2 ESPAÇOS EXPOGRÁFICOS NA AVENIDA PAULISTA

A Avenida Paulista foi inaugurada em 1891. Foi concebida como a coluna vertebral num espigão de um loteamento formado por pequenas chácaras, destinadas à elite cafeeira, já se insatisfeita com o "novo centro". Depois da década de 1950 a Avenida Paulista tornou-se o novo centro financeiro e comercial de São Paulo, com isso veio a especulação imobiliária, e a Paulista se verticaliza. Os anos 90 foram marcados pelo metrô, com isso a Avenida passa a ter tráfego aéreo, terrestre e subterrâneo.

Nas primeiras décadas do século XXI a Avenida Paulista ganhou uma ciclovia e a condição de espaço de recreação nos finais de semana, além de sediar eventos do calendário da cidade, para grandes aglomerações como a Parada Gay, a Virada Cultural e o Revellion.

Apresentaremos a seguir o estudo dos espaços expositivos da Avenida Paulista. Foi realizada inicialmente a identificação dos espaços, a partir dos *sites* na *internet* e da própria vivência e visita aos espaços.

A avenida foi subdividida em trechos, e os espaços classificados em duas categorias de análise, os espaços Privados e Públicos.

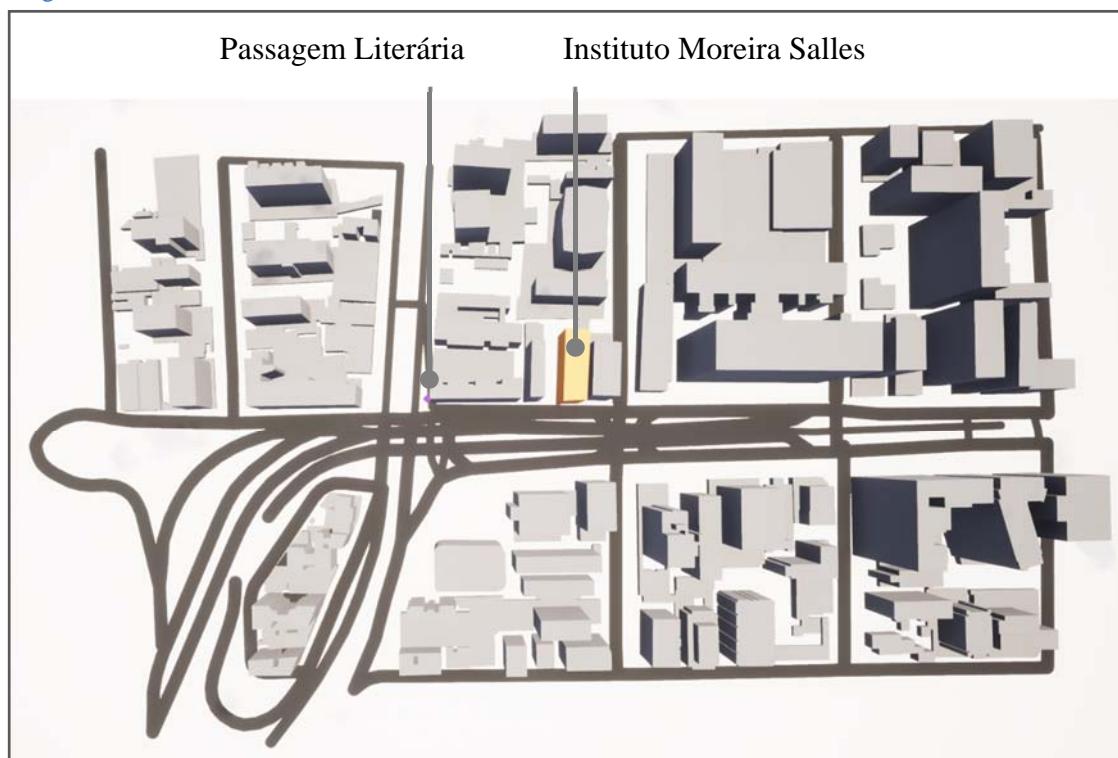
Desenvolveu-se a caracterização dos espaços por meio de fichas, onde se aliou a identificação, a localização, história e análise dos espaços expositivos, a partir dos conceitos estudados.

Figura 1. Avenida Paulista



Fonte: Twinmotion 2020. Desenho das autoras.

Figura 2. Trecho 1



Fonte: Twinmotion 2020. Desenho das autoras.